

## Nota Prévía

A evolução do conhecimento em ciência caminha a par com a evolução do método. A história das ciências sociais faz-se, paralelamente, com a dos avanços do método e pode ser melhor compreendida à sua luz. Nos seus primórdios e ao longo do seu desenvolvimento as ciências sociais assim como o desenvolvimento do método entrecruzaram os seus avanços. Tanto é assim que deve lembrar-se o seguinte:

- A aplicação dos métodos qualitativos nas ciências sociais permitiu que se compreendessem novos enfoques analíticos apenas perscrutáveis de acordo a profundidade permitida através daqueles.
- A política comparada abriu um alcance amplo, e sempre contrastante, a múltiplas temáticas da ciência política e da sociologia política.
- O nascimento das técnicas da sondagem e do inquérito à opinião pública bem como o progresso dos mecanismos ou procedimentos de natureza estatística associados à amostragem e à concepção de questionários foram condição *sine qua non* para o desenvolvimento, numa perspectiva empírica, de ciências como a sociologia e a ciência política.
- Autores de referência pioneiros e contemporâneos das ciências sociais à medida que avançaram em diversos objectos de investigação deram contributos significativos na área da metodologia ao nível das suas diversas técnicas.

Com o presente contributo, que se pretende sintético e descritivo sobre o método nas ciências sociais, procura-se um objectivo essencial que é o de esclarecer contornos metodológicos no que se refere a técnicas correntes naquela área. O objectivo da presente análise não é o de acumular e esgotar contribuições teóricas, correntes ou autores mas fazer uma selecção daqueles que consideramos pertinentes para continuar a reabrir um espaço útil de reflexão nas ciências sociais.

Em relação à importância de cada caminho e das suas fronteiras gostaríamos de referir que conhecer e dar a conhecer vários caminhos pode permitir fazer de cada opção ou opções técnicas, em cada investigação,

uma construção pensada e partilhável e mais conhecedora das possibilidades metodológicas ajustáveis. Em ciência deve procurar-se a clareza, a simplicidade e a fundamentação metodológica e contrariar o obscurantismo e a arbitrariedade. A inventariação do método, por um lado, e a exposição das opções possíveis e seguidas, por outro, permite clarificar percursos e consolidar a validade do caminho escolhido. O desenvolvimento da ciência deve caminhar a par com o do método sendo que as fragilidades da autonomia de cada área científica podem entroncar a montante nas das suas técnicas.

É importante referir também a seguinte preocupação que se prende com o método e que assume uma importância fundamental em ciência e nas ciências sociais em particular. Ao longo do contributo presente procurar-se-á trilhar um caminho onde cada autor, cada corrente, cada opção analítica tenha um espaço que não se confunda com os demais contributos que lhe sejam paralelos mas não intersectantes. Com isto queremos salientar que, em ciência, teorias, abordagens e autores devem ser confrontados quando for pertinente e teoricamente possível, respeitando-se, no entanto, os limites conceptuais e metodológicos de fronteira. Aquele cuidado é fundamental à coerência científica e, claro está, à coerência metodológica.

Apesar da segmentação das ciências sociais, em geral, em grandes tipologias de métodos assentes nos métodos qualitativos e quantitativos não quisemos deixar de ter em conta a especificidade das abordagens correntes no âmbito da sociologia política e da ciência política, como é o caso da política comparada e da análise de conteúdo. Ao longo da história do desenvolvimento do método em ciências sociais diversas organizações do método têm sido consideradas. O exemplo paradigmático do contributo de Max Weber, no início do século XX, abriria o átrio neste plano vital e permanente ao desenvolvimento científico nas ciências sociais que é o método, ao dividir este em função da forma de tratamento dada aos conteúdos, considerando os métodos empíricos e os métodos interpretativos. A segmentação do método por que optámos perfilha alguns contributos de referência situados na área do método em estudos políticos. Este é o caso de Gregory Scott (1997) que no âmbito dos métodos em ciência política considerou as áreas da ‘perspectiva comparativa’ e dos ‘métodos quantitativos’. Por seu lado, Marsh e Stoker (1995) consideraram o método estruturado em ‘análise qualitativa’, ‘métodos quantitativos’ e ‘método comparativo’. Noutras classificações existe em comum o facto de o método comparativo aparecer quase sempre autonomamente e para-

lamente às demais matérias. É o caso da classificação de Duverger em obra dedicada aos métodos em ciência política.

A obra presente está dividida em cinco capítulos:

- No Capítulo 1 analisam-se percursos, aplicações e desenvolvimentos do método, no que se refere à importância do método e da metodologia, à atitude científica, ao âmbito temporal e primeiros contributos sobre o método e aos aspectos genéricos de organização do método na área em análise.
- No Capítulo 2 analisam-se os métodos qualitativos desde a sua génese, passando pelos pressupostos metodológicos e pelos problemas de concepção até à sua implementação.
- O Capítulo 3 centra-se na política comparada. Aqui destaca-se a importância da génese e contextos de aplicação do método comparativo, analisando-se também os pressupostos metodológicos assim como os seus problemas de implementação.
- No Capítulo 4 tratam-se os métodos quantitativos, especificamente, no que se refere à técnica de análise de conteúdo. Além da génese e importância nos estudos políticos também se analisam os pressupostos metodológicos assim como os seus problemas de implementação.
- No Capítulo 5 analisam-se os métodos quantitativos no que se refere aos inquéritos e sondagens de opinião. O âmbito, a génese, o caso português, as suas condicionantes políticas e legais assim como os pressupostos e problemas de implementação são os aspectos destacados neste capítulo.

Quanto à análise de conteúdo e ao seu enquadramento nos métodos quantitativos há a salientar o seguinte. Apesar dos contributos que destacaram as vantagens e a necessidade de acentuar a vertente qualitativa da análise de conteúdo, a partir da década de 50, e sobretudo de 80, com referências como Krippendorff, aquela técnica continua a ter uma matriz quantitativa predominante e essencial. Esta vertente acaba por ser recorrente, pelas características e objectivos da técnica concretizados em grande parte das análises que se efectuam. Desta forma, tendencialmente, em obras de natureza empírica que incluem o tratamento dos métodos, onde é corrente a dicotomia entre métodos quantitativos e qualitativos, a análise de conteúdo continua a ser enquadrada nos métodos quantitativos. A título ilustrativo, refira-se que para além da classificação de Duverger que compreende esta técnica nos métodos quantitativos, contributos pos-

teriores como Scott (1997), Riffe, Lacy e Fico (1998), Berger (2000) e Wrench *et al.* (2008) também o fizeram. Conscientes da importância da sua vertente qualitativa optámos também por incluir a análise de conteúdo nos ‘métodos quantitativos’.

O contributo presente procura avivar, com a necessária característica de síntese, o ‘estado da arte’ em matéria de métodos em termos de objectivos e potencialidades dos mesmos, começando por relevar ainda um conjunto de referências clássicas, em termos de génese nas principais vertentes consideradas. Em termos de aplicação do método, a nível de investigação empírica, existe uma ressalva essencial que é a de que o método deve ser pensado, em simultâneo e paralelamente, aos objectivos e conteúdos. O método deve ajustar-se à procura, à análise, à investigação, aos contextos. O método deve estar presente na medida em que os seus pressupostos são desencadeadores e condicionantes da descoberta. Daí que o método deve ser exposto previamente à apresentação de conteúdos, em ordem a melhor compreender o alcance destes. O método condiciona, decisivamente, o ângulo da descoberta. Na investigação científica assim como na vida, os objectivos devem nortear os percursos, desencadeando o ajustamento dos meios aos mesmos. Objectivos, meios e resultados, com esta sequência, devem constituir a ordem ética e pragmaticamente mais útil à evolução científica. Com esta ordem pode trabalhar-se no sentido de melhor conciliar as partes diversas do conhecimento científico referentes a temáticas e objectos de estudo determinados. Compreendemos que em ciência deve procurar dar-se espaço aos demais contributos para nos encontrarmos verdadeiramente com estes e depois conosco. A partir daí deve procurar-se trilhar um caminho adequado e chegar à construção de um espaço próprio. A este propósito, a seguinte ilação de Einstein é fundamental para o entendimento do espírito científico, da análise científica e, em particular, do método científico. Em 1921 Einstein recebeu o prémio Nobel da Física «pelos seus contributos à física teórica e especialmente pela descoberta da lei do efeito fotoeléctrico» (Freud, Einstein, 1933: 89). Aquando da entrega do prémio Nobel, um jornalista perguntou ao génio da teoria da relatividade como justificava dar um passo tão grande na ciência. Einstein respondeu que se tinha chegado mais longe foi «porque estava aos ombros de gigantes».